

Negociação da dívida entra na etapa decisiva

SÃO PAULO — Os representantes do Brasil e o comitê dos bancos credores reiniciaram, em Nova Iorque, as conversações para acertar detalhes decisivos para o acordo de escalonamento da dívida externa com os bancos privados. O ponto relevante nessa nova rodada de conversações, iniciada anteontem, é a discussão sobre como vai ser realizado — em quantas parcelas e em que valores — o desembolso das garantias a serem dadas pelo Brasil.

As garantias são os dólares que o governo terá de gastar para aquisição de títulos do Tesouro americano, como contrapartida ao fechamento de um acordo. “Uma coisa é certa: haverá o parcelamento do desembolso para que saia negócio entre o Brasil e os credores”, adiantou Peter Anderson, presidente do Chase Manhattan Bank, quinto maior banco americano e credor de US\$ 1,7 bilhão.

Prensa — Os bancos sabem que o Brasil ainda não chegou a uma situação de pleno equilíbrio da sua economia, mas querem fechar o acordo firmando o pagamento parcelado das garantias a serem dadas pelo país. “Os demais países conseguiram pagar as garantias com maior tranquilidade, pois já haviam realizado acordos definitivos com o Fundo Monetário Internacional”, disse Anderson. “No caso do Brasil, a coisa ainda está em regime transitório, então a solução é aderir à tese do escalonamento.” A expectativa de Anderson é a de que o Brasil deverá estar anunciando o acordo com os credores privados até o final do primeiro semestre do ano.

“Afim, são 600 bancos credores e os interesses são muito variados, além do que o Congresso Nacional brasileiro precisa aprovar o acordo”, lembra ele. “Por essa razão, demora um pouco até a concretização dos termos finais da negociação. Mas posso dizer que a discussão hoje é de estruturação da forma de pagamento e não mais de ordem financeira.” Ou seja, a etapa mais dolorida da negociação já foi superada por credores privados e representantes do governo brasileiro.

Opções — O Brasil ofereceu um leque de opções para trocar a dívida externa junto aos credores privados por novos títulos. Ou seja, os títulos da dívida externa original são trocados por novos papéis e o sistema de permuta se dá por várias formas, a livre escolha dos bancos. Quanto mais os bancos optarem por títulos com desconto em relação ao valor de face, mais garantias o Brasil tem que desembolsar, gastar dinheiro. “Feitas as contas, no máximo o Brasil deverá gastar US\$ 5 bilhões em garantias”, explicou Anderson.

Embora o Brasil tenha hoje cerca de US\$ 15 bilhões em reservas, o governo não pode se comprometer a realizar um desembolso tão grande de uma só vez, por se tratar de dinheiro que entrou no país mas não possui garantia de que permanecerá por longo tempo. Anderson acredita que “por isso a solução será o desembolso parcelado dos valores”.